

AS CONTRADIÇÕES E INTERAÇÕES ENTRE URBANO E RURAL E A LUTA PELA TERRA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: O CASO DO ASSENTAMENTO MARAPICU.

Aluno: Victor Tinoco

Orientador: João Rua

Introdução

A relevância desta pesquisa é o fato de evidenciar a questão agrária metropolitana ao mesmo tempo em que demonstra sua intrínseca proximidade com a questão urbana, como um processo contraditório, pois encontramos movimentos sociais rurais, territorializados dentro da dinâmica sócio-espacial da periferia urbano/metropolitana.

Nesse sentido, o tema dos assentamentos rurais na Região metropolitana nos traz a tona o padrão dominante entre urbano-rural, como um produto do modelo de desenvolvimento capitalista, cada vez mais contraditório e desigual na realidade do campo e da cidade, em que Oliveira [2] nos demonstra que essa é uma problemática do processo de expansão capitalista no campo brasileiro e as políticas de reforma agrária como ações compensatórias.

E passando para escala do estado do Rio de Janeiro, podemos analisar que muitos dos processos de territorialização da luta pela terra nos anos de 1980, estavam e ainda estão localizados dentro da Região Metropolitana, em que as ocupações se deram em conjunto com o processo de urbanização do estado como fora identificado por Alentejano [1].

De todo modo, a temática proposta nos elucida de que às lutas dos movimentos sociais rurais não estão limitadas somente a conquista da terra, mas vinculadas a conquista do(s) direito(s) à cidade (saúde, educação, etc.), o direito de estarem inseridos à cidadania, pois, muitos dos trabalhadores sem-terra da Região Metropolitana são moradores da cidade e migrantes do interior do Brasil.

Temos como objeto de análise os assentamentos rurais da Região Metropolitana, no caso a do Rio de Janeiro, tendo como base empírica o caso do Assentamento Marapicu, localizado na cidade de Nova Iguaçu, na Região da Baixada Fluminense, na periferia metropolitana. O assentamento surge nos anos de 1980, com as ocupações Campo Alegre. No entanto, o que observamos em Marapicu é a sobreposição do perímetro urbano da cidade de Nova Iguaçu sob seu território, nos anos de 1990, com uma peculiaridade: a titulação das terras será dada pela prefeitura. Assim, o assentamento passa a ser municipal. Outra especificidade de Marapicu é sua proximidade com o Bairro Aliança, num fluxo intenso entre “Bairro” e “Assentamento”, havendo casos em que alguns moradores do Assentamento tornaram-se moradores do “Bairro”.

Objetivos

Analisar as interações e contradições entre urbano e rural nas estratégias de resistência e luta pela terra, compreendendo o espaço geográfico como instrumento político fundamental dentro das diferentes configurações em que territorializam-se os diversos movimentos sociais rurais.

Metodologia

Nossa metodologia de pesquisa está fundamentada em trabalhos de campos, entrevistas como as famílias do assentamento, levantamentos de dados sobre a questão agrária da Região Metropolitana e uma revisão bibliográfica sobre o tema proposto.

E trabalharemos com a visão de Alentejano [1] onde este discute a realidade do campo fluminense a partir da dinâmica da urbanização e dos assentamentos rurais como uma lógica de desenvolvimento territorial. Oliveira [2] nos elucida sobre tal processo a partir da escala nacional, tendo como base de análise o processo de modernização conservadora e das políticas de reforma agrária dos governos FHC e Lula.

Já Porto-Gonçalves [3] nos remete aos movimentos sociais e à organização do espaço e aos caminhos que a questão ambiental vem tomando nas últimas décadas, elucidando a importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra na conjuntura política (tanto global quanto nacional e local) na luta pelo direito ao acesso à terra, numa busca por outra sociedade.

Por outro lado, Rua [4] nos elucida sobre as representações do rural frente aos movimentos sociais e as relações entre cidade-campo e urbano-rural, este autor nos evidencia as representações do espaço rural a partir da perspectiva dos assentamentos de Reforma Agrária e os processos de urbanização, tendo como base de análise a realidade socioespacial do estado do Rio de Janeiro.

Conclusões

Portanto, com a problemática apresentada podemos compreender que os movimentos sociais rurais vêm resistindo e buscando estratégias para dar continuidade à luta pela terra e pelos direitos à cidade, em múltiplas realidades desiguais e contraditórias, marcadas pela segregação e degradação socioespacial da periferia urbano/metropolitana..

Referências

- 1 - ALENTEJANO, P. R. R.. **Reforma Agrária e Pluriatividade no Rio de Janeiro: Repensando a Dicotomia Rural-Urbano nos Assentamentos Rurais**. Mestrado Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - UFRRJ-CPDA - Rio de Janeiro, 1997. 199p
- 2 -. OLIVEIRA, A. U. . **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. 1ª. ed. São Paulo: FFLCU/LABUR EDIÇÕES, 2007. v. 1. 184p
- 3 – PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter A Nova Questão Agrária e a Reinvenção do Campesinato: O Caso do MST. **Observatório social de America Latina**, Buenos Aires, v.16, p.23-34, 2005.
- 4- RUA, J. Urbanidades no Rural: O Devir de Novas Territorialidades. **Campo Território Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 1, n. 1, p. 82-106, 2006.
- 5- TINOCO, V. . As Contradições e Interações Entre Urbano-Rural e a Resistência na Luta Pela Terra: Uma Abordagem a Partir do (Pré)Assentamento Marapicu RJ. **GEOPUC-Rio Revista do Departamento de Geografia PUC-Rio**, v. 2, p. 1/4-16, 2009.